



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GERSON RUHE

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-500

Entrevistado: Gerson Ruhe

Nascimento: 15/02/1931

Local da entrevista: Casa do Entrevistado, Porto Alegre, RS.

Entrevistador: Christiane Garcia Macedo, Carina K. Miranda e Silvana Fraga

Data da entrevista: 21/11/2014

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Ayllu Duarte Acosta

Pesquisa: Ayllu Duarte Acosta

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 25 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 24 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Formação contábil; Escola Superior de Educação Física; Treinador de Basquete; Campeonatos citadinos; Campeonatos Intermunicipais; Campeonato nacional; Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul; Flâmula comemorativa; Contribuição para o basquete gaúcho.

Porto Alegre, 26 de novembro de 2014. Entrevista com Gerson Ruhe a cargo das pesquisadoras Christiane Garcia Macedo, Silvana Fraga e Carina Kaiser da Silva para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Senhor Gerson, muito obrigada por receber a gente para essa visita e eu queria que o senhor começasse contando como que o senhor se envolveu com o esporte?

G.R – Vamos ver se eu consigo sintetizar para não ficar muito comprida a conversa. Eu me formei primeiro em contabilidade, técnico em contabilidade, mas eu fiquei apavorado em ficar a vida inteira entre quatro paredes. Quando voltei de São Paulo para Porto Alegre, eu tinha um conhecido que tirou o curso de educação física na ESEF¹ de Porto Alegre. Naquela época, era a única, e foi justamente para o colégio que eu estava em São Paulo e ele se formou como professor de educação física, e me fez referências da ESEF. Como naquela época de estudante eu já gostava de jogar basquete ou voleibol, aquele que aparecesse, achei que seria interessante pelo menos tentar. Realmente, eu voltei para Porto Alegre em 1952, procurei me informar e fui até a escola de educação física. Me interessei, matriculei, fiz o teste e consegui passar de primeira, graças a Deus. Então, foram aqueles primeiros dois anos, que eu por sinal, achei muito fracos. Eu achava que com a base que eu tinha teria que ter muito mais material para depois poder aplicar nas aulas... O banho de água fria que eu tomei foi na aula inaugural, o diretor da escola foi bem taxativo: “Vocês não vieram aqui para ser atletas, vocês vieram aqui para serem professores”. Eu pensei que fosse só esporte, mas foi ótimo, deu para tomar consciência e então me dedicar a parte teórica e prática pra valer mesmo. Aprender tudo que fosse possível, de preferência um pouco mais, para depois poder aplicar junto aos alunos. Tanto foi que, depois de formado, eu ainda fiz mais uma extensão como técnico desportivo na própria ESEF e no terceiro ano, eu fiz Mestre de Armas. O curso que normalmente durou dois anos para os demais colegas, eu levei quatro anos fazendo. E mesmo assim, volto a dizer, não estava satisfeito com aquilo que eu sentia. Achei que eu teria que ter muito mais estudo, muito mais preparo para que na hora de encarar um grupo de alunos ou uma equipe esportiva eu pudesse agir de forma correta e produtiva.

C.M. – O senhor fez o superior na ESEF?

G.R. – Sim.

C.M. – E o senhor é da onde? De que cidade?

G.R. – Eu nasci em São Paulo, mas como meu pai foi transferido aqui para o Rio Grande do Sul, eu tinha uns três anos de idade, nós viemos aqui para o Rio Grande do Sul. Aí nos instalamos por aqui e só voltei a São Paulo quando fui fazer o curso de contabilidade. Por uma questão de que na escola que eles tinham lá, tinha conexão com o trabalho do meu pai, então favorecia a questão pecuniária. Lá era mais vantajoso fazer do que aqui no Rio Grande do Sul.

C.M. – Como estava o basquete e o voleibol nessa época nos anos 1950?

G.R. – A gente participava como universitário, competições e jogos universitários. Quem tinha um pouco de habilidade entrava em tudo.

C.M. – Tinham muitos campeonatos?

G.R. – Sim, da FUGE, Federação Universitária Gaúcha. Nós tínhamos anualmente competições que, infelizmente, eu não sei se continua agora. Naquela época, a disputa era bonita: Engenharia, Medicina, Farmácia, Agronomia, Educação Física. A gente tinha uma série de vantagens nas competições por estar atuando dentro da parte técnica. Dentro da ESEF apareciam alguns alunos que tinham interesse, habilidade no esporte. Mas mesmo assim, muitas vezes, a Medicina e a Engenharia ganhavam as competições.

C.M. – E as mulheres na época praticavam muitos esportes?

G.R. – Olha, inclusive eu tive uma entrevista com a Folha da Tarde Esportiva, naquela época... Outro detalhe que infelizmente deixou de existir, pois ela dava força no esporte, era a Folha da Tarde Esportiva, não sei se você já chegou a ouvir falar.

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C.M. – Sim, do Túlio²?

G.R. – Isso! Eles davam uma força tremenda e naquela entrevista eu tive chance de dizer que infelizmente ainda não era aceito o esporte para mulher, não era considerado o ideal. Tinham muitas restrições, era uma dificuldade conseguir convencer um pai ou uma mãe deixar a filha participar de um esporte mais competitivo, tipo desporte em clubes.

C.M. – E como o senhor chega na SOGIPA³ para trabalhar como técnico?

G.R. – Bom, na ESEF, naquela época, quem era professor da ESEF era ligado diretamente com o clube, eram os que dirigiam os esportes nos clubes. Então o professor Milhos⁴, que dava atletismo, observando as aulas durante o período normal, achou que eu tinha certa facilidade com corrida com barreiras, que era ultrapassagem de barreiras. Nós fazíamos os exercícios e ele achava que eu tinha certa habilidade. Me convidou para entrar na SOGIPA e competir pela SOGIPA. Entrei na SOGIPA como atleta e depois pela convivência, não sei se habilidade ou não, ter conseguido algumas medalhas... Inclusive me convidaram, que naquela época o trabalho não era fácil, me convidaram para trabalhar na secretaria da SOGIPA, como auxiliar de manutenção de contas, remessa de doc's de pagamento, aquelas coisas todas... E nisso apareceu uma oportunidade de criar uma equipe feminina de basquete e o diretor de esportes da SOGIPA, como já me conhecia pela parte do atletismo, sabendo que eu tinha formação de técnico esportivo, ele veio conversar comigo e perguntou... Isso em 1954. Aí eu condicionei, eu digo: “Já”, que era o apelido que ele era conhecido.

C.M. – Que é o Ritter?

G.R. – É, Ernesto Otto Ritter, tradicional atleta de lá também. Me convidou e eu condicionei, eu digo: “Aceito, mas de uma forma, se vocês forem me contratar como técnico, só vão me contratar depois da temporada desse ano. Eu vou treinar, vou tentar fazer o ajuste na equipe, se vocês acharem que o meu trabalho está de acordo, aí sim, eu vou impor o quanto eu preciso, já de acordo para entrar como profissional”. E foi o que

² Túlio de Rose.

³ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

aconteceu, ficamos como vice-campeões no primeiro ano, em 1954, perdemos para Internacional e de 1955 em diante...

C.M. – Do feminino?

G.R. – Basquete feminino, esse grupo que está aí e mais algumas. No total, pela minha relação, chegaram a passar pelas minhas mãos sessenta e oito, sessenta e nove meninas. E dessas a gente sempre aproveitava as que tinham mais possibilidade, as que tinham mais condições de participar dos treinos. O horário dos treinos não era muito fácil, eram a noite, ao ar livre. Naquela época, a SOGIPA não tinha ginásio, então se dependia do tempo. Foi uma época muito gratificante pelo resultado que nós conseguimos, de 1955 a 1962 foi uma sessão contínua, todos os campeonatos da cidade nós conseguimos vencer. Todos os campeonatos estaduais que a Federação patrocinou também fomos vencedores. Pelo resultado desses campeonatos, a Federação também fez o convite para treinar a Seleção Gaúcha, que durante três oportunidades eu tive chance de gerir...

C.M. – Em 1962?

G.R. – Não, em 1962 eu parei. Foi em [19]59, [19]60 e [19]61. Em 1959, foi o primeiro campeonato em Sorocaba, dessas flâmulas aí, onde a Seleção Gaúcha ganhou o primeiro jogo... Por que no ano anterior teve um Campeonato Brasileiro aqui em Porto Alegre, mas as gaúchas, infelizmente, como os adversários que vieram eram fortes, nós não estávamos preparados para isso. O dirigente foi aquele a quem eu sou eternamente grato, professor Valdir Echar, que foi professor da ESEF e foi o técnico dessa equipe também. Em 1959, a Federação fez o convite e eu achei que o professor Echar era muito mais qualificado do que eu para isso e ele mesmo disse: “Não Gerson, essa é a tua chance, entra que tu tem experiência suficiente pelas competições que tu dirigiu”. Me convenceu a aceitar, muito temeroso ainda, por falta de experiência maior. Uma coisa é dirigir uma equipe local, outra coisa é uma seleção estadual, que vai competir com seleções do Brasil inteiro. Conseguimos essa primeira vitória lá contra a Bahia, já foi uma glória, saímos do zero. Aconteceu que na Confederação Brasileira deu um atrito com a equipe de São Paulo e São Paulo quis boicotar e não compareceu. Com essa possibilidade, nós, com a experiência

⁴ Nome sujeito a confirmação.

anterior, conseguimos fazer uma seleção mais capacitada e, com a ausência de São Paulo, estivemos como equipe realmente perigosa e capacitada a do Rio de Janeiro e foi lá. Aí então ganhamos de Minas e ganhamos de Niterói e ganhamos do estado do Rio [de Janeiro]. Importante, foram três vitórias e perdemos para... Naquela época a denominação era diferente, porque não era unificado o Rio de Janeiro, era separado, estado do Rio e os cariocas...

C.M. – Guanabara?

G.R. – Cariocas. Então tivemos a glória de ser vice-campeões brasileiros, foi uma coisa inédita que jamais se sonharia, em condições normais não seria possível. Só que em 1961, isso foi em 1960, em 1961 tivemos outro campeonato em Niterói e já não fomos tão felizes. Ganhamos duas competições e perdemos três, mas assim mesmo já não estávamos na estaca zero. Mas aí eu já estava um pouco insatisfeito, porque a situação do campeonato gaúcho... O campeonato citadino estava restrito apenas a duas ou três equipes, era o Grêmio Foot-Ball e o Grêmio Náutico União, Piratas já não existia mais, Internacional não competia mais. Dentro do estado, que haviam iniciado naqueles primeiros anos, em que a gente inclusive viajava para o interior para jogar com eles, para estimular, também havia uma desistência muito grande, principalmente Santa Maria, Rio Grande e Santa Cruz do Sul. Eles pararam e com isso o basquete praticamente ficou restrito a três equipes de Porto Alegre e eu fiquei tremendamente chateado com isso. Por que o basquete no Rio Grande do Sul, depois de nós termos conseguido um vice-campeonato, continuava morto? Eu manifestei na SOGIPA que eu achava que as atletas já estavam um pouco cansadas, porque eram sempre as mesmas e que faltava motivação. Quem sabe vocês convidam outro técnico, quem sabe ele entrando agora se entusiasme e consiga continuar. Mas, infelizmente, a história não foi bem essa, porque continuou um ano depois que eu parei, em 1962 e, depois disso, eu nunca mais vi competição a nível citadino.

C.M. – O senhor se envolveu com vôlei também?

G.R. – Só como jogador na época de estudante da ESEF.

C.M. – As meninas do time de basquete também jogavam vôlei?

G.R. – Sim.

C.M. – Na SOGIPA?

G.R. – Na SOGIPA mesmo. E as que eram convocadas de outros clubes também, as do União também jogavam vôlei. Inclusive, as atletas do União eram nadadoras, basqueteiras, voleibol e muitas faziam ginástica olímpica. Quem fazia uma coisa, fazia tudo. Agora isso dificultava muito os treinamentos, questão de horário, questão de interesse, a cabeça não estava focada em só uma coisa, era sempre diversas coisas.

C.M. – Vocês treinavam todo dia?

G.R. – Duas vezes por semana, uma hora e meia no máximo, e aí condicionado ao tempo, na maior parte, até que a SOGIPA construiu o ginásio. Durante aqueles primeiros anos era ao ar livre, então outra dificuldade.

C.M. – Essas meninas, que eram atletas da SOGIPA, também eram sócias?

G.R. – Sócio atleta.

C.M. – Elas já estavam no clube quando o senhor chegou?

G.R. – Já... Algumas não, muitas foram convidadas de outros clubes depois. Outra luta minha com o Jaú, que ele queria trazer atleta de tal clube e tal clube, e eu disse: “Me interessa ter adversário com quem jogar, não me adianta ter uma equipe e não ter com quem jogar”.

C.M. – Dentro desse time de basquete, o que o senhor destacaria? Além das vitórias, era um time unido? Vocês tiveram alguma dificuldade? Algum problema nessa época?

G.R. – Eu nunca tinha voltado no tempo para raciocinar nesses termos... Eu acho que a união entra elas era grande, eu não me lembro de nenhum atrito, nenhuma briga ou

desavença entre elas. Aquela... Não digo ciúmes, das iniciantes com as mais veteranas... É o modo como as mais veteranas agiam com as iniciantes, sempre tem aquele distanciamento inicial até serem aceitas. Mas uma vez aceitas a equipe era uma equipe só. Eu não sei se eu respondi satisfatoriamente a tua pergunta...

C.M. – Sim, sim. E seu relacionamento com elas era...?

G.R. – Estritamente profissional. Agora eu me recordo do meu tempo, eu sinto que eu deveria, naquela época, ter tido um relacionamento mais próximo com elas. Conversado mais, sentido mais o que elas achavam e sentiam do que... Naquela época, eu como técnico achava que eu tinha que dar a direção, e elas tinham que seguir. Hoje em dia eu jamais faria a mesma coisa e eu acho que foi um dos motivos pelos quais eu resolvi parar.

C.M. – O time tinha apoio das famílias?

G.R. – Sim, totalmente. Bom, basta dizer que o diretor técnico, o Jaú, as duas filhas dele eram as atletas que jogavam tanto vôlei quanto basquete. Uma delas, a Margot⁵, era atleta de nível nacional, ela era convocada para atletismo, era convocada para a seleção de vôlei foi convocada para a seleção nacional de basquete; e a Magda⁶ também foi convidada tanto para a seleção de vôlei quanto a de basquete. Chegaram a treinar junto com os técnicos da seleção brasileira.

C.M. – As filhas do Jaú eram a Margot e a Beatriz⁷?

G.R. – Margot e Beatriz.

C.M. – Mais especificamente sobre a flâmula... O senhor lembra quem eram as atletas? O nome delas... A Beatriz era filha do Ritter, a Beatriz e a Margot... A Cloé⁸?

⁵ Margot Magda Ritter da Costa.

⁶ Magda Burger Rive.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Cloé Mafalda Gubert.

G.R. – Cloé Mafalda Gubert é uma ótima atleta, mas ela dependia por demais da Margot. Em uma ocasião... A Cloé foi a atleta que eu sempre achava que ela podia ser. Em um jogo em Niterói, quando nós jogamos contra o São Paulo, o nosso representante na Confederação junto a CBB⁹ estava lá. Ele morava em Niterói e era de uma empatia enorme, a família dele também. A Cloé ficou fã, adorou o cidadão esse que, infelizmente, me falha a memória o nome. Quando chegou no jogo contra São Paulo, ela viu quando ele chegou para assistir o jogo, essa guria nunca jogou tanto basquete como naquela noite que ela jogou para ele. Então ela ficou um pouco independente, porque, nas outras vezes, eu sentia que ela só tomava uma iniciativa depois que a outra, a Magda, desse de acordo.

C.M. – E a Carmen¹⁰?

G.R. – A Carmen foi a atleta que veio do União, não sei porquê, se ouviu alguma desavença entre elas ou com o clube. Ela veio e se ofereceu, e era como as atletas salientes do clube lá, ela foi aproveitada.

C.M. – Lembra do sobrenome dela?

G.R. – Carmen Benaducci.

G.R. – E a Clarice¹¹?

G.R. – A Clarice, ela e a irmã, que morava praticamente ao lado do prédio onde eu morava, e não sei de que forma, ou se pela Folha da Tarde, que eles viram algum nome ou coisa assim, as duas se apresentaram para treinar. A menor era meio avoadinha, quer dizer, não chegou... Treinava e tal, participava de brincadeiras, mas não chegou a se tornar atleta, agora a Clarice sim. A Clarice era maior, ela se interessava, frequentava sempre e não faltava, tudo que se mandava fazer, fazia, e era muito jovem, bem criança naquela época. Então ela estava em fase de crescimento e a gente aproveitou em todas as possibilidades que havia de fazê-la ver como era o jogo em si. Eliminar certas, eu não sei se eu poderia chamar de defeitos, mas as deficiências, digamos assim, diminuir as deficiências e explorar

⁹ Confederação Brasileira de Basketball.

¹⁰ Carmen Benaducci.

as aptidões. Ela chegou a desenvolver uma situação muito agradável. Em um dos jogos oficiais pela cidade, jogos metropolitanos, em um jogo contra o União, que era a nossa equipe mais forte, a Magda sofreu um acidente, teve que inclusive ir ao pronto socorro para ser atendida, e a Clarice, coloquei no lugar dela, ela assumiu e resolveu e nós ganhamos. Mesmo sem Magda, conseguimos ganhar o jogo do União. Quer dizer que ela, a Clarice, a Beatriz, a Magda, a Margot, a Carmen, a Ieda¹²... A Ieda não, a Ieda era do União... A Neusa¹³, Ester¹⁴ e agora só olhando...

C.M. – A Ilsa¹⁵...

G.R. – A Ilsa era chamada um carrapato pelos adversários, por que ela grudava na adversária para fazer a marcação. Ela era a menorzinha delas, mas na defesa essa guria era um descanso, a gente podia confiar. Pena que ela não tinha altura, quer dizer, faltou altura para ela ser uma atleta de alto nível. Poderia ter sido, como as outras, convocada para a seleção. Infelizmente, já não existe mais entre nós a maioria delas já.

C.M. – A Clarice o senhor lembra o sobrenome?

G.R. – Clarice Salete Delfabro Copete. Casou depois, teve filhos e tudo, depois a gente... Uma das minhas deficiências é que eu não tive o cuidado de anotar o nome, endereço, telefone delas. Quando me afastei, eu acho que estava meio ressentido. Quando me afastei, eu não tomei essa iniciativa, então atualmente eu só tinha contato com a Margot por telefone e com a Magda, eram as duas únicas. Como a Margot já faleceu, só a Magda é a única... E a Neusa foi essa que me encontrou no supermercado, que me chamou pelo nome, evidentemente que eu não a reconheci, coisa de quarenta anos atrás. Ela era uma criança, agora uma senhora de cabelos brancos, mas aí também fiquei com o telefone e é com quem eu faço contato em época de páscoa, natal e tenho a chance de matar um pouco a saudade.

C.M. – E a Noemi¹⁶?

¹¹ Clarice Salete Delfabro Copete.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

G.R. – Essa era o meu xodó, pode parecer meio estranho com Margot, Magda, Beatriz e tal... A Noemi morava onde agora está o Zaffari¹⁷, aqui da Vicente da Fontoura, onde tem aquele canteiro redondo tinha uma casa onde ela morava. Ela jogava no Grêmio, ela começou no Grêmio.

C.M. – No Grêmio Náutico?

G.R. – Não, no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Era uma das ótimas atletas, ela tinha uma boa altura, dedicada, fora de série, como jogadora, como pessoa, em tudo. A ponto de considera-la meu xodó e pelo contato que a gente tinha aqui pela proximidade. Mas ela jogava pelo Grêmio quando o Jaú fez o convite para ela vir a SOGIPA. Ela conversou com a família, a família já me conhecia, a gente se via seguido, cruzava ali por perto, concordaram e ela foi para a SOGIPA. Isso eu não me lembro bem o ano, se foi [19]56 ou [19]57, por aí. Eu sei que, quando ela entrou, ela já entrou para fazer parte da equipe como pivô, era titular definitiva.

C.M. – A Licéia¹⁸?

G.R. – A Licéia era essa irmã menor da Clarice, eu nem sei como o nome dela aparece aí, está na flâmula?

C.M. – Está na flâmula, aparece logo depois da Clarice. Ela não participou do time?

G.R. – Nunca chegou a jogar dentro da equipe. Teve outras, a Ester que chegou a jogar... Deixa eu ver uma coisa nas fotografias aqui, que eu precisaria nomeá-las. Bom, essa medalha é do Cinquentenário da Federação, fizeram uma homenagem aos ex-técnicos. Essa aqui era a equipe base: a Magda, a Noemi, a Beatriz, a Cloé e a Clarice. Isso já, eu acho que isso... O nome do cidadão que eu falei que a Cloé jogou para ele é Moriá Fragoso de Azevedo... Eu tentei inclusive, estava começando a tentar fazer uma reformulação porque o que eu tinha aqui simplesmente eram recortes de jornais que eu ia fazendo...

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Supermercado Zaffari.

[Entrevistado analisa fotografias] Marta, Margot, Beatriz, a Ilsa, Noemi, Cloé, Clarice, Carmen, Neusa, Ester, Eugeni¹⁹. Essa Eugeni veio de Angola. Era uma angolana que veio e foi para a SOGIPA, mas não era muito alta ou muito forte, era muito veloz, mas não chegou a encaixar.

C.M. – Ivone²⁰?

G.R. – Ivone era muito dedicada, muito esforçada, Ivone Pelinz. Ela tinha uma outra irmã também. As duas irmãs Ruth²¹ e Elizabeth Miller²², essa Elizabeth chegou a jogar também, a Vani²³ também fez parte. Essas outras aqui: a Lenita²⁴, a Aline²⁵... Essas outras aqui participavam dos treinamentos, mas não chegavam a entrar como jogadoras mesmo. Essa Susi Volvi, sim. Agora aqui tem as iniciantes, as que foram da primeira equipe em 1954. Guisera Strauss casou, agora é Saul, professora de educação física.

C.M. – Ela casou com o Nelson²⁶...

G.R. – Nelson Saul, grande cara também...

C.M. – A gente entrevistou ele também...

G.R. – Gueza²⁷ [trecho inaudível] e essa Elizabeth [trecho inaudível] também fez parte, não sei se esta o nome da Elizabeth aí na flâmula.

C.M. – Não.

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

²⁰ Ivone Pelinz.

²¹ Ruth Miller.

²² Elizabeth Miller

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ Nome sujeito a confirmação.

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

²⁶ Nelson Ruben Saul.

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

G.R. – Deveria estar. Helena Miller, essa guria se tivesse tido a chance de continuar, teria sido outra que iria explodir, alta, forte, super inteligente, de um olho, saltava uma enormidade. Chegou a fazer salto em altura na SOGIPA, mas parou. Essa é minha querida colega Mirian Kerr Predebom, foi minha colega como estudante na ESEF, foi atleta nessa primeira equipe. Só que infelizmente agora ela está numa situação de saúde terrível, teve osteoporose e aí então não tem praticamente um pedaço do corpo que não esteja com uma emenda. Dedicada, professora excelente, qualquer lugar onde ela lecionou era reconhecida como a professora mais querida, o trabalho dela fora de série. Infelizmente, não sei o que acontece com uma pessoa desse nível, sofrer como está sofrendo neste final, é triste. Essa Teresinha²⁸ era uma figura diferente, é daquelas que adora o esporte, está sempre junto, sempre pronta para fazer qualquer coisa, mas infelizmente ela não tinha habilidade suficiente para chegar. Mas eu cheguei a utilizar ela durante algumas competições, tipo a Folha da Tarde esportiva, jogos amistosos e tal. Eu fazia com que ela participasse tanto na competição de lance livre, como em jogos, assim, colocava ela para jogar porque merecia. A gente sentia que ela era tão querida, tão interessada que na primeira chance tinha... Essa Marieta Gabrom era de Santa Cruz do Sul, ela veio, mas também não se adaptou com a equipe. Lá ela era o astro, o máximo, quando ela entrou para a SOGIPA tinham quatro, cinco melhores do que ela, e ela não gostou. O União convidou, e ela foi, perguntaram: “Ela pode sair para ir para o União?”. E eu disse: “Eu faço questão, ela vai reforçar o União, vai ficar melhor para nós”, porque o meu raciocínio sempre foi... Não adianta uma equipe sem adversário. Se não tu não cresce, ou tu estagna, ou piora, porque jogar sobre o erro. Essa Miriam só treinava e tal... Bom, basicamente... E aqui está a fotografia da primeira equipe, aqui está a Elizabeth, a Ilsa, a Beatriz...

C.M. – Vani...

G.R. – A Vani Panitz, também só praticamente participou ali. A Guisera Strauss, a Helena Bins e a Gueza, outra que parou também, só jogou até 1956 depois parou, casou e tal...

C.M. – Elas casavam e continuavam jogando?

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

G.R. – Não, a única que continuou jogando foi a Margot, nesse ano aqui ela ainda não participava da equipe, aqui foi... Chegou pela minha relação, conferindo mais, foram sessenta e oito meninas. Ester [palavra inaudível] foi ótima menina, só que a idade dela é que não ajudou. Ilse Engel²⁹ também foi uma colega minha da ESEF e da Mirian que está doente... Costa³⁰... Marieta que veio de Santa Cruz... E as outras, dentro dessa relação que eu tentei fazer em ordem alfabética. Depois, é praticamente a repetição... Fotografias que a gente ficava... Súmulas dos jogos que a gente conseguia... Aqui já aparece a Margot, a Elizabeth... Aquela a irmã da Gueza, esse ano ainda estava... A Mirian ainda participava. Essa Ester, outra daquelas que morria pelo clube. Essa é a equipe que ganhou o campeonato...

C.M. – O primeiro cidadão...

G.R. – É, em 1954. Essa menina, essa menina, essa, essa eram alunas da educação física. [O entrevistado se refere a uma fotografia] Quer dizer que essas quatro que tinham tido aula de basquete lá e com mais um reforço... E, principalmente, uma das grandes perdas foi esse rapaz aqui...

C.M. – Quem é?

G.R. – Jogou aqui, ganhou e não continuou, e quem entrou no lugar dele, infelizmente, não soube... Se não me engano essa menina aqui é uma que eu fiquei de olho grande em cima, pelo jogo que ela teve. O resto tudo é recorte de jornal que é onde que eu mato a minha saudade quando eu estou meio para baixo, resolvo lembrar daqueles tempos...

C.M. – Bastante coisa...

G.R. – Para mim foram excepcionais, mesmo com as partes que eu considere negativas e deficientes, mas eu não sei se alguém pode se considerar, durante a vida inteira, completamente satisfeito e feliz...

²⁹ Ilse Engel Guterres.

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

C.M. – Com certeza... Sobre a flâmula, vocês fizeram várias flâmulas ou essa foi uma especial?

G.R. – Não, essa quando nós fizemos...

C.M. – Essas...

G.R. – Tem data na flâmula essa aqui?

C.M. – Ela é de 1960... 1955 a 1960.

G.R. – Foi quando nós conseguimos o vice-campeonato brasileiro. Aí eu cheguei para o Jaú e disse para ele: “Vem cá, isso vai passar assim? Não vai acontecer nada? Eu gostaria de fazer uma flâmula”. E aí então eu tentei, fiz de umas fotografias, eu fiz o recorte...

C.M. – O senhor que fez o desenho?

G.R. – Eu usei a fotografia como base e para quem fez a flâmula se deu o escrito, a figura essa e os nomes... Esta aqui, 1960, porque foram cinquenta e cinco, cinquenta e seis... Foi um, dois, três, quatro, cinco, seis... Hexacampeonato na cidade, além do vice-campeonato brasileiro e ele concordou. Então nós fizemos isso aí, fizemos uma remessa realmente boa, eu consegui ficar com uma meia dúzia. Agora eu não sei aonde eu posso ter deixado essa flâmula que eu gostaria de deixar com vocês também uma.

C.M. – Uma a gente já tem lá... Vocês trocavam ela com outros times, davam de presente ou foi mais para as atletas?

G.R. – Isso foi para alguns, se alguém deu... Aqui tem... Eu não sei se isso aqui seria importante para vocês, isso tudo aqui já é posterior... Porque um detalhe também que me levou a parar, eu recebi um ofício desses da SOGIPA onde... Naquela época não era mais o Jaú, já era outro diretor de esportes, eu recebi o ofício que agradecia meus trabalhos e tudo muito bem e que estendesse os agradecimentos às atletas. Eu interpretei esse obrigado pelo que fiz, como “estamos satisfeitos”. Não sei se interpretei mal ou não, eu sei que foi a gota

d'água. Em 1970, portanto já fazia dez anos que eu tinha parado, um pouco menos, 1961, um diretor técnico de basquete da SOGIPA veio me procurar, falar comigo, dizendo que a SOGIPA, naquele ano, 1970, pela primeira vez na história da SOGIPA foi campeã masculina adulto. Mas não sei o que aconteceu, eu não fiquei sabendo direito, fecharam o departamento de basquete masculino. Mas como? Depois de conseguir um título inédito. Eles disseram que o técnico era não sei o que lá, que terminava o jogo pegava os jogadores e iam para o bar toma Chopp, tomar cerveja. Eu disse: “Conversa com o cidadão, orienta”. Não é possível jogar fora uma coisa dessas. São coisas que a gente não tem explicação. Me convidou e eu: “Por que tu quer que eu vá?”. “Porque eu me lembro quando tu era menino, era disciplinador, nunca teve um problema disciplinar... Eu gostaria que tu assumisse porque nós vamos ficar só com as categorias menores, juvenil, infanto- juvenil e infantil.” Eu digo: “Bom, começa que eu lidei com os garotos só em uma oportunidade, em um campeonato estadual que o técnico não pode ir, e eu assumi a competição dos guris. Eu assisti o treino deles antes do nosso treino e tudo bem, de qualquer forma só vou assumir uma, as outras duas...”. O meu interesse era só pegar os menores e trabalhar como escolinha de basquete, e aí ele disse: “Não, mas nós nos escrevemos para competir”. E eu disse: “Se eles vão competir, eu não quero. E o juvenil a mesma coisa”. “O infanto-juvenil precisa e a maioria deles vai deixar de ser infanto-juvenil esse ano. Vão passar tudo para juvenil no ano que vem, então é o último ano deles, e nós gostaríamos...”. Ele tanto fez que me convenceu de esse ano pegar essa equipe. Treinamos tudo, mas o primeiro contato foi terrível, porque eles trabalhavam com o técnico anterior, campeão. Quer dizer, qualquer coisa que o cidadão falasse, era lei. Ele mostrou que ele entendia, que ele era bom, ele sabia dirigir, ele fez aquela equipe ganhar o campeonato. Agora, de repente, entra um cidadão já de barba, cabelo branco, que há quase dez anos eles não veem, porque eu não assistia os jogos das competições. Também pela barulheira daquele sistema, do pessoal quebrar cadeira e fazer barulho, eu já com problema de audição não gostava de barulho, para assistir anarquia eu fico em casa, eu vou ver os jogos pela televisão. E conseguimos inclusive ser campeões, mais um título. Essa é a relação dos nomes deles que eu tinha, eu fiz um quadro, durante competições, o resultado de cada um deles eu ia anotando para servir como estímulo. Mas eu senti que eu não fui aceito, eu era um desconhecido onde um deles... Eu, inclusive, reclamei de um deles durante um jogo, e o pai veio quase pedir briga comigo... Cheguei a perguntar para ele: “Tu está fazendo nós perdermos o jogo só por minha causa, por que não gosta de mim?”. Ali eu pedi um tempo, chamei e disse para ele:

“Joga por ti, pelos teus companheiros! Se não gosta de mim, não precisa, mas joga o teu basquete!”. Por que ele estava errando cestas que durante o treino, durante outros jogos, ele não errava nenhuma. Agora não sei se ele estava com algum problema aquele dia ou não, mas eu cheguei a sentir que a equipe não estava a fim de ganhar, aí o pai veio reclamar. Bom, acontece que a prefeitura e a Associação dos Técnicos de Basquete do Rio Grande do Sul, que foi formada, inclusive eu participei da formação dessa equipe, convidou três técnicos dos Estados Unidos para fazer estágio aqui. Então os três eu tive chance de participar. O primeiro, eu não me lembro o nome, teria que ver aqui na relação da Folha da Tarde... Quando o repórter fez a entrevista com o cidadão, que chegou a me convidar... Claro, me convidou porque eu mostrei interesse para ir aos Estados Unidos. Pedi licença porque eu sempre fui professor do estado, pedi uma licença para passar uma temporada de treinamento deles lá. Eu ficaria na casa hospedado na INCA, Associação... Já ouviste falar do INCA?

C.M. – Já, eu não me lembro agora o que significa...

G.R. – É um negócio de... Bom, é onde eles tinham a juventude, um amparo à juventude. Ele tentaria um jeito de ter acesso aos treinamentos dele, me entusiasmei, fiquei todo faceiro. Fui providenciar, perguntar como eu teria de fazer para ter licença do estado para poder fazer essa temporada lá. Muito bem, depois, uma outra temporada veio esse técnico que chegou a ser técnico da seleção americana, Bob Knight, não sei se ouviste falar...

C.M. – Não...

G.R. – Com esse eu cheguei a ter um relacionamento mais estreito. Aconteceu em uma das palestras dele que os... Ele utilizava os mórmons como tradutores, mas como eu gostava muito de negócio de inglês, revistas e eu cheguei a fazer um estágio no Instituto Americano, durante muito tempo, inclusive conversação e tal. Quer dizer, eu sentia que tinha facilidade e percebi que algumas coisas que eles estavam traduzindo não era bem aquilo, porque sabe quando tu traduz literalmente uma coisa? Dificilmente tu sabe o que é. Aí o camarada se atrapalhou, e eu: “Não quer dizer isso?”. Em umas três, quatro, cinco intervenções minhas, o Bob chegou: “Vem cá, tu não quer ficar do meu lado um pouquinho para traduzir?”. Eu digo: “Não, porque tem alguns detalhes, nomes técnicos,

que eu ainda não estou a par”. Ele disse: “Não, não tem importância, fica aqui comigo e se tu achar que a tradução deles não está bem, tu dá um toque...”. A tal ponto que depois eu tive correspondência com ele, cheguei a trocar umas três ou quatro vezes correspondência. Ele me mandou filmes dos treinamentos e dos jogos da equipe dele, que por sinal a metade dos filmes sumiram antes de chegar na minha mão, não sei de que jeito, e que eu usei muitas vezes durante as minhas aulas no IPA³¹, na ESEF do IPA, durante as minhas aulas de basquete, para mostrar detalhes. O que era uma cobertura, o que era um corta luz, o que era uma cortina, o que era o *jump*. Muito trabalho eu utilizei e explorei dele, então o Bob Knight foi um desses que me ajudou bastante. Essa aqui foi a fotografia da festa do Cinquentenário da Federação de Basquete...

C.M. – Senhor Gerson...

G.R. – Eu acho que eu já estou começando a falar demais...

C.M. – Senhor Gerson, o desenho o senhor disse que foi feito pela empresa que imprimiu a flâmula?

G.R. – Não, olha a iniciativa de usar a fotografia foi minha. Eu que peguei a fotografia e disse: “Eu quero essa imagem aparecendo como base para depois aparecerem os nomes e aquela coisa toda”.

C.M. – O senhor pensou nesse formato, nessa distribuição...

G.R. – Sim.

C.M. – E eles faziam... Era fácil de fazer na época?

G.R. – Sim, porque os que trabalhavam com esporte, fabricantes de taças e medalhas, flâmulas, faixas, todos eram ligados a SOGIPA de uma forma ou outra. Então, quando a gente precisava fazer alguma coisa sempre tinha alguém: “fala com fulano, fala com ciclano”, e a gente conseguiu.

³¹ Centro Universitário Metodista.

C.M. – E a SOGIPA que pagou?

G.R. – Sim.

C.M. – Era isso gurias... Tem mais alguma coisa que queiram perguntar da flâmula?

G.R. – Um detalhe que eu gostaria de salientar e não precisa anotar nem aparecer. Mas com esse negócio da preocupação com a pessoa, com as meninas em si, que elas trabalhavam, todas elas. Trabalhavam, saíam do serviço para ir para a SOGIPA, para treinar, portanto era o lanche que elas faziam no lugar de trabalho, treinar e depois altas horas da noite para poder fazer a refeição. Também foi outro assunto que eu conversei com o Jaú e logo no terceiro ano eu disse: “Jaú, essas meninas vem treinar de barriga vazia, depois de um dia de trabalho como vou poder exigir um pouco de esforço dessas gurias, que elas corram, porem, saltem. Não dá, não tem condições de exigir isso para elas. Tuas filhas, a Magda, a Cloé, todas elas, além disso, jogam voleibol também”. Quer dizer, praticamente treinam um dia basquete, um dia vôlei e isso quando não treinavam atletismo também, ou ia competir no domingo. Quer dizer, passavam a semana inteira gastando uma energia violenta. A prova está que eu acho que a Margot morreu porque se desgastou, não sobrou mais energia. Agora quando ela começou a trabalhar, trabalhou, conseguiu se aposentar... Então também falei com ele: “Olha, uma coisa eu quero ter certeza, depois, pelo menos de cada jogo, depois do jogo, elas vão ter direito a um lanche e a um copo grande de...” Naquela época, a gente chamava de Toddy, era um chocolate misturado lá. “As que não aceitam leite, dá um refrigerante, mas de preferência alguma coisa nutriente”, e ele concordou. Aí no ano seguinte, digo: “Jaú, tu não me consegue pelo menos um copo de Toddy para depois do treino?”, e ele: “Consigno sim”. Então elas treinavam, depois do treino, antes de ir para casa, cada uma ganhava... Eu considero isso uma vitória, não satisfatória, porque deveriam... O ideal seria, depois do jogo, oferecerem uma janta, que comesse alguma coisa, fosse para casa já pronta, para chegar em casa deitar e dormir. A maioria do tempo a gente tinha que levar as meninas depois do treino, pelo horário. Treinava das oito às nove e meia, fazia o lanche dez horas, para chegar em casa, chegavam dez e meia, onze horas da noite. Felizmente, naquela época, mesmo nesse horário, não tinha problema, se fosse hoje teria que largar de táxi uma por uma.

C.M. – O senhor tem mais alguma coisa que queira registrar sobre a sua vida esportiva?

G.R. – Bom, eu não sei até que ponto isso tem interesse para vocês. Eu tenho... Não sei onde que eu deixei o papel, tipo um currículo do que eu fiz durante a minha vida. Eu vou tentar resumir para vocês, eu comecei... Fiz meu primário e ginásio aqui no Rio Grande [do Sul], fiz curso técnico de contabilidade em São Paulo, depois voltei para cá em 1950 e fiz a ESEF. Durante a ESEF, às vezes, os professores pediam, quando iam viajar, qualquer coisa, pediam para eu substituir eles nas escolas. Eu cheguei a trabalhar em Hamburgo Velho, para o professor Milhos esse, quando ele foi viajar, durante o tempo em que ele estava viajando, eu dava aula para ele. Trabalhei depois em Gravataí, mas aí já contratado, já estava formado, do colégio Dom Feliciano...

C.M. – Ela estudou no Dom Feliciano...

G.R. – Em Dom Feliciano trabalhei três anos, com a rapaziada lá. Esse negócio de vai para lá, vai para cá de ônibus. Trabalhava lá, dava uma aula ou duas e passava mais tempo viajando. Então na primeira chance, quando veio um convite do Colégio São João, aí então passei para lá. Outro detalhe que eu fico gratificado, acho que a minha atuação foi tremendamente positiva, porque o irmão que ficava cuidando das séries sobre as quais eu dava aula de educação física, ele disse que não estranhasse a atitude dos alunos, um pouco retraídos... Porque eu dava aula de educação física, fazia um aquecimento, uma preparatória, fazia os exercícios, para depois em um finzinho dar uma parte esportiva qualquer, de competição, brincadeira qualquer. Porque o outro teu colega, ele chegava, pegava o caderno de chamada, dava o apito para um aluno, a bola para o outro e ia lá, sentava, lia o jornal e a aula de Educação Física deles era jogar futebol, e eu conheci esse cidadão, não é possível! Chegou a ser diretor do setor de recreação pública da prefeitura. Como teórico, para mandar é ótimo, mas como professor de Educação Física eu achei que ele foi tremendamente negativo. Bom, pelo menos comigo, as turmas tiveram educação física e, nos dias de chuva, que lá não tinha ginásio ainda, o São João não tinha ginásio, era aula teórica. Aí na primeira aula eu perguntei para eles: “O que vocês sabem sobre atletismo, que é o esporte base, é andar, correr, saltar, arremessar, são os gestos naturais da pessoa?”. Nenhum se manifestou. “Não é possível! Olhem pela janela, vocês estão vendo o

estádio da SOGIPA, estádio de atletismo da SOGIPA, e vocês estudam aqui no colégio e não sabem o que é atletismo”. Eu acho que foi um pouco de exagero, os que conheciam não quiseram se manifestar. Eu chamei o irmão que estava lá, porque naquela época o irmão ficava dentro da sala, a disciplina era dele, o professor não precisava se preocupar com disciplina, qualquer desatenção era... Aí eu chamei: “Professor ou irmão, há alguma possibilidade de em um momento das minhas aulas, eu poder deslocar essa turma para o estádio da SOGIPA. Lá eu tenho certeza que eu vou conseguir autorização deles, porque vai ser interesse deles, eles observando as crianças, vão poder olhar alguém que tenha alguma habilidade para competição. Eu sei que a SOGIPA quer, vai querer. Agora, e o colégio aqui?”, diz ele: “Não professor, aqui inclusive nós temos do colégio para o estádio, um portão que liga direto para lá. Os alunos não precisam fazer a volta pela rua, vão entrar direto lá.” Aleluia! “Aí então na próxima aula prática e tiver tempo bom, eu vou estar com a autorização da SOGIPA em mãos, o senhor pega o cadeado lá”. Foram umas duas ou três aulas que consegui dar lá. Eles faziam salto em distância, em altura, arremesso de coisa lá, foi uma glória. O professor que me substituiu foi um técnico, que também foi técnico da SOGIPA, que deu sequência. Tiveram, não sei quantos, eu gostaria até de ter tido essa possibilidade de saber, quantos atletas foram feitos saídos dali. Esse professor, hoje inclusive, é responsável técnico pela parte de treinamento, resistência... Como se chama? O responsável pela parte que o jogador esteja em condição física... Preparador físico, o Hélio não sei das quantas...

C.M. – Carravetta...

G.R. – Hélio Carravetta! A esposa dele inclusive foi minha aluna do IPA. Foi o Hélio Carravetta que me substituiu lá, deu sequência, para ele interessava tanto como professor do São João quanto técnico da SOGIPA e, terminado isso, ele foi para o Internacional para assumir essa parte toda. Quer dizer, essa parte da minha história eu guardo com satisfação. Dando continuação, depois da SOGIPA, a parte técnica de basquete foi isso... E aí em 1973, o representante do IPA me convidou para assumir a cadeira de basquetebol. Lá já tinha o professor Pinheiro³², não sei se tu ouviu falar, outra pessoa fora de série. Então nós dois dávamos. Tive a oportunidade de fazer uma série de experiências e adaptações por que uma coisa eu notei, na educação física, o interesse dos alunos pelo basquete é mínimo,

fazem porque é a cadeira que tem que ter aprovação, se ele puder evitar, ele evita. Ele vai para o futebol, vai para o vôlei, para a ginástica, sei lá o que... Naquela época, estava começando a ginástica aeróbica, era aeróbica de todo o jeito. O basquete era encarado com certa dificuldade, com um aluno que não está interessado, torna difícil tu ensinar, e pelo sistema de horário que tinha também estava muito difícil. No primeiro semestre que eu comecei a trabalhar usei um sistema, no segundo, já na experiência anterior, modifiquei algumas coisas e assim fomos. Até que chegou um ponto que eu perguntei ao Pinheirinho... Porque também mudava, uma hora era só masculino, só feminino, depois outra hora era misto, depois não era misto, voltava a ser separado. Aquele negócio era meio inconstante. Eu disse para o Pinheirinho, que a gente tinha duas turmas, eu digo: “Pinheirinho, quem sabe a gente faz uma inversão”. Eram dois semestres de basquete... “Eu dou em um semestre e tu dá no outro e a gente inverte. Digamos, tu tem a turma A e turma B, tu dá turma A no primeiro e eu dou turma B. No semestre seguinte, eu pego turma B e tu pega a turma A, porque com essa dificuldade que eu estou sentindo, o aluno vai ter duas chances de ter dois professores e ver qual dos dois ele se adapta melhor, com qual ele vai conseguir melhor rendimento”. “Tranquilo!”, também concordou. Outra coisa que eu acho que para os alunos foi bom, eles tiveram duas chances, invés de ser um professor só... Às vezes, inclusive a gente cria certa resistência, tanto entre professor e aluno, aluno e professor, então variando isso já valia. Bom, feito isso, antes um pouquinho, em 1978, trabalhando na Secretaria de Cultura Esporte e Turismo, nós assumimos a coordenação dos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul. O que foi outra experiência pesada, terrível, das quais eu tive uma série de restrições. Eu, por exemplo, me colocava no lugar do prefeito e procurava qual a razão, qual o interesse que eu, como prefeito, teria de colocar dinheiro da minha administração nos centros de esportes da prefeitura e fazer eles gastarem com essas viagens em todos os anos para competir. Três, quatro prefeituras que tinham condições de ganhar os Jogos, de se promover pelos Jogos, tranquilo. Eu digo, mas a gente precisava abranger o máximo de prefeituras no estado. Qual é o argumento que eu tenho para esse prefeito que não tem a menor chance de ganhar nada e isso me fez falta. Então eu fiquei de [19]78 a... O último foi em [19]82. Em [19]82, eu parei com os Jogos Intermunicipais. Mas aí pelo conhecimento que a gente cria, pela viagem pelo interior, tudo quanto é prefeitura... Eu tive um inspetor de educação física que até foi quem assinou o meu diploma, o

³² Nome sujeito a confirmação.

professor Hugo³³. Não sei se vocês chegaram a conhecer, possivelmente não porque ele é muito discreto, muito atuante, mas muito discreto. Que foi professor de educação física, fez agricultura e não sei o que mais. Depois a paixão dele era as plantas, estudar o que cada planta tinha e se envolveu com os clubes quatro “S”. Sabe o que é quatro “S”?

C.M. – Não.

G.R. – A juventude rural. Ele, nessa época, também veio conversar comigo: “Gerson, nós precisamos dar uma força para essa gurizada do interior, porque a coisa está ficando perigosa”, digo: “Perigosa em que sentido?”. “O guri na primeira chance quer cair fora, porque tem que trabalhar na enxada. As gurias têm aquela pressão dos pais e do ambiente muito rígido, que as chances de relacionamento mais aberto é pequeno. Quando chega ocorrer, ele se torna perigoso, porque, às vezes, pela inexperiência, não preparo na cabeça das gurias, acontece muito de elas engravidarem”. Está acontecendo isso muito agora, e ele estava preocupado com isso. Eu digo: “Está bem doutor, e aí? O que nós podemos fazer?”, diz ele: “Eu estou querendo criar uma atividade esportiva dentro desses locais onde essa gurizada se reúne, e que os guris gastem um pouco das energias deles em esporte e as meninas também. Aí o relacionamento em esporte se torna um pouco mais aberto e um pouco mais consciente. E nas reuniões que eles fazem semanalmente, porque os grupos de jovens fazem reunião, fazer contato com as assessoras que trabalhavam junto com esses grupos, conversar sobre assuntos de sexo para clarear e abrir os olhos. E se possível com os pais e as mães também, vai ser mais difícil... A gente sabe que a mentalidade dessa zona, alemão e italiano é difícil, e zona rural então... Aqui da zona sul, zona de português, aí então nem pensar, porque...”. Eu digo: “Olha, mas eu não me sinto em condições de fazer esse trabalho...”. Naquela época estava na chefia da Secretaria de Desporto e Cultura, o Barbosa Lessa, e ele foi e insistiu, conversou com Barbosa Lessa e mostrou... O Barbosa Lessa achou interessante, que ele era ruralista também, e o Barbosa Lessa me chamou e disse: “Olha, o doutor, ele está afim de fazer, e eu acho isso muito interessante. Qual é a dificuldade que tu tem?”. Aí eu expliquei para ele: “Eu não tenho base, nem psicológica, nem de experiência, nesse assunto, eu nunca lidei com essa gurizada do interior, não sei como eles vão receber isso”. Diz ele: “Não, eu sei, meu meio é fazer contato com a

³³ Nome sujeito a confirmação.

EMATER³⁴...”. Porque o doutor já tinha ligação com eles, ver um setor da juventude rural específica deles, fazer ligação com as assessoras pedagógicas e juntar. “Vamos conversar e ver juntos o que a gente pode fazer!”. Digo: “Bom, aí já melhorou”. Se tem assessora junto lá, o pessoal da EMATER que vive lá dentro, tudo bem e realmente aconteceu. Os que faziam o trabalho junto às comunidades rurais lá, agora eu não me lembro o nome que tinha... Que tinha as coordenadorias e tal. Os técnicos que assessoravam os camponeses, esses é que iam com a gente para conversar com a gurizada e depois com os velhos também. Teve gente que recebeu de uma forma maravilhosa. Esporte todo mundo gosta, mais do que a gente acha. Criamos os jogos rurais que começaram com o prefeito que era amigo desse doutor... Coisa triste a idade faz a memória falhar... Como é esse município um pouco antes de Camaquã? Que tem festivais durante o ano, de vela, de canoagem...

C.M. – Três Coroas?

G.R. – Não, não. Quem vai daqui, depois de Guaíba, antes de Camaquã. Não! Eu acho que depois de Camaquã...

C.M. – Eldorado? Viamão?

G.R. – Não, Eldorado é para lá. É em direção a Pelotas, antes de Pelotas... Bom, eu sei que um local interiorano que tinha um grupo forte da EMATER trabalhando lá. O prefeito já era conhecido, gostou da ideia. Os primeiros jogos foram realizados lá. Com isso, depois os outros ficaram sabendo, Santa Cruz, Santa Maria, Nova Prata, Frederico Westphalen, Santo Ângelo. Que tinham uma formação rural muito forte também se interessaram e solicitaram serem sedes de competições. Então a gente ia, estudava com o grupo ali, fazia uma programação, dava um plano e, na época, uma semana antes da data marcada para a competição, a gente ia para verificar os locais, adequar os locais para as competições. Também foi um resultado bom que também eu não sei se... Depois eu nunca mais ouvi falar. Mas feito isso, a minha vida dentro do IPA foi até 1992, quando eu me aposentei, e aí encerrei as minhas atividades esportivas.

C.M. – Professor, muitíssimo obrigada...

³⁴ Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

G.R. – Eu não falei da delegacia de educação física, como coordenador do Campeonato Escolar Gaúcho...

C.M. – Quando foi?

G.R. – Eu já estou perdido... Foi antes disso aqui. Em virtude da atuação como coordenador dos campeonatos aqui é que o Arno³⁵ me convidou para coordenar os JIRGS³⁶. Então até aqui, eu estava coordenando em Porto Alegre... Eu acho que já está comprido demais, não sei se vocês tem tempo disponível...

C.M. – A gente só queria olhar as pastas para tirar foto das fotos delas, mas a entrevista a gente encerra aqui e a gente dá uma olhada nas pastas.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁵ Nome sujeito a confirmação.

³⁶ Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul.